

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



 8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**PRESENÇA FEMININA NA MATEMÁTICA: narrativa de uma professora que
ensina Matemática no 4º ano do Ensino Fundamental¹**

Jussara Lopes Cruz²
Jônata Ferreira de Moura³

Resumo: Este texto é fruto de uma investigação de mestrado, em andamento, no âmbito do grupo de pesquisa Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem). O foco da pesquisa são as narrativas de vida e formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental que ensinam matemática em escolas da rede pública municipal de Davinópolis/MA. A pesquisa é de abordagem qualitativa e do tipo biográfica, utiliza-se entrevista narrativa para produção dos dados. Para este artigo apresentamos a presença das mulheres na matemática e a narrativa de formação de uma professora que traz seus medos e superação em relação a matemática quanto estudante do curso de Magistério. Mergulha-se na sua trajetória estudantil na tentativa de enxergar como tudo isso influencia em sua prática como professora que ensina matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: História de vida. Medo. Anos Iniciais. Mulheres na Matemática.

**Female Presence in Mathematics: Narrative of a Teacher Who Teaches
Mathematics in the 4th Grade of Elementary School**

Abstract: This text results from an ongoing master's research conducted within the research group Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem). The focus of the study is the life and educational narratives of teachers who teach mathematics in the early years of Elementary School in public municipal schools in Davinópolis, Maranhão, Brazil. The research adopts a qualitative approach and a biographical perspective, using narrative interviews for data production. For this article, we present a discussion on the presence of women in mathematics and the formative narrative of a teacher who reports her fears and processes of overcoming difficulties

¹ Texto fruto da pesquisa de mestrado em andamento situada no projeto guarda-chuva *Histórias de vida, formação e práticas de professores que ensinam matemática na educação básica maranhense*, coordenado pelo professor Dr. Jônata Ferreira de Moura, no âmbito do grupo de pesquisa Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem).

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas, pela Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. Bolsista Fapema. jussara.lopes@discente.ufma.br

³ Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas, pela Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. jf.moura@ufma.br

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

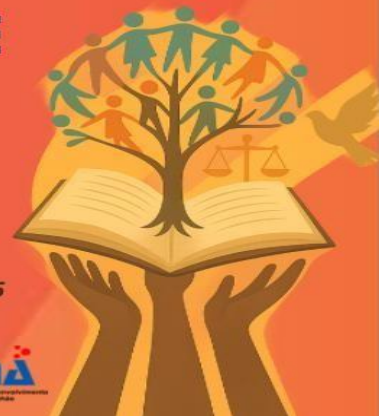
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



related to mathematics during her time as a student in a teacher training program (Magistério). The study explores her educational trajectory in order to understand how these experiences influence her teaching practice as a teacher who teaches mathematics in the early years of Elementary School.

Keywords: Life history. Fear. Early Years of Elementary School. Women in Mathematics.

PARA INICIAR

Este texto é fruto da pesquisa de mestrado da primeira autora, em andamento, que tem como foco as narrativas de vida e de formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental que ensinam Matemática em escolas da rede pública municipal de Davinópolis/MA. Neste texto, trazemos a narrativa de uma professora do 4º ano do Ensino Fundamental que relata sua relação com a Matemática em seu tempo de estudante no curso de Magistério.

Ao fazer uma busca rápida na Plataforma Buscad 3.0.1., que nos proporcionou realizar pesquisas nos bancos de dados da Capes e no Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) de forma ágil e segura, percebemos que há poucas pesquisas que abordam a temática mencionada acima, como consta na tabela abaixo:

Tabela 1 - Resultados das buscas na Plataforma Buscad (3.0.1.)

DESCRITORES	CAPES	BDTD
Ansiedade Matemática	39	24
Medo da Matemática	23	39
Presença feminina na Matemática	1	0
Matemática no magistério	1	1
Pesquisa narrativa sobre o medo da	0	0

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Matemática

Fonte: Plataforma Buscad 3.0.1.

Ao realizar essa busca, percebemos que há poucas pesquisas narrativas acerca do medo da Matemática; por isso, é urgente que haja investigações que nos propiciem compreender de onde se origina esse medo e como ele se manifesta, pois tal abordagem nos convida a adentrar em nossa história de vida. Em relação à presença feminina na Matemática, há apenas uma pesquisa, o que nos leva aos seguintes questionamentos: as mulheres não ensinam Matemática? Realizar pesquisas acerca da presença feminina na Matemática não é importante? Percebemos o quanto ainda é necessário avançar.

Nossa pesquisa ocorre a partir da narrativa de uma professora que ensina Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ela rememora seu passado, precisamente o período em que cursou o Magistério, e revive sua relação com a Matemática, acompanhada de medo e ansiedade. Sendo assim, a seguir fazemos um resgate histórico das mulheres na Matemática, explicamos como a pesquisa surgiu, a importância da pesquisa com narrativas, a relação da professora com a Matemática e seus medos, seguindo para a reflexão sobre o que a narrativa revela e, por fim, apresentamos algumas proposições.

AS MULHERES NA MATEMÁTICA

Ao estudarmos a história da Matemática, deparamo-nos com nomes como Tales de Mileto (624–546 a.C.), Pitágoras de Samos (582–497 a.C.), Euclides de Alexandria (aproximadamente 300 a.C.), Arquimedes de Siracusa (287–212 a.C.), Eratóstenes (276–194 a.C.) e Apolônio de Perga (aproximadamente 200 a.C.), configurando um cenário tradicionalmente marcado pela predominância masculina.

Entretanto, no interior dessa estrutura essencialmente masculina, destaca-se a figura de uma mulher nascida em Crotona, na Magna Grécia, por volta de 546 a.C., que alcançou notoriedade no contexto da Matemática grega: Theano. No que se refere à sua genealogia, não há informações conclusivas, mas diferentes hipóteses indicam que

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



poderia ser filha de Pythonax de Creta, de Brontino de Crotona ou de Cisseu, rei da Trácia, sendo Telecleia apontada como sua mãe.

Há indícios de que tenha sido esposa de Pitágoras; contudo, sua atuação não se restringiu ao papel de seguidora das doutrinas do filósofo. Ao contrário, as fontes lhe atribuem contribuições relevantes no âmbito da escola pitagórica, sendo inclusive associada à ideia de que não são os números em si que governam o universo, mas a ordem que entre eles se estabelece.

Quase mil anos após Theano, destacou-se Hipátia de Alexandria, nascida por volta do ano de 370 d.C., considerada a segunda mulher a alcançar grande prestígio no campo da Matemática e reconhecida por alguns estudiosos como a “mãe da Matemática”. Em um período caracterizado pela predominância masculina nos espaços de produção do conhecimento, dedicou-se ao estudo e ao desenvolvimento da hipérbole, a parábola e a elipse. Além de matemática, foi também professora de Filosofia, exercendo papel de destaque na vida intelectual de Alexandria. Entretanto, sua atuação e sua defesa do paganismo despertaram a hostilidade de líderes cristãos.

No século XVII, destacou-se a italiana Elena Lucrezia Cornaro Piscopia. Em 25 de junho de 1678, na Universidade de Pádua, tornou-se a primeira mulher da Europa a obter o grau de doutora. Durante sua trajetória acadêmica, enfrentou resistências por parte da Igreja Católica quando se preparava para receber o título em Teologia, o que resultou na defesa de sua tese na área de Filosofia. Posteriormente, atuou como professora de Matemática na Universidade de Pádua e tornou-se membro de academias científicas.

Émilie du Châtelet, filha de Louis Nicolas Le Tonnelier de Breteuil, secretário principal do rei Luís XIV, inscreveu-se, em 1737, de forma anônima, no concurso *Sur la nature et la propagation du feu* (Sobre a natureza e a propagação do fogo), promovido pela Academia de Ciências de Paris, a qual aceitava apenas candidatos do sexo masculino. Embora não tenha sido a vencedora, seu trabalho foi publicado pela

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

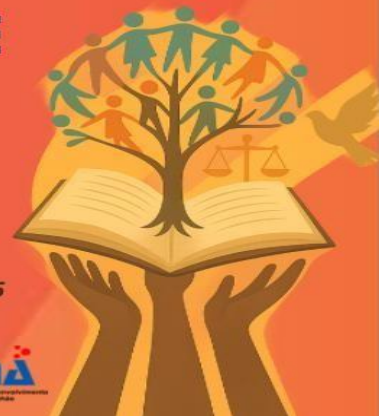
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



instituição, tornando-a a primeira mulher a ter uma obra científica divulgada por essa Academia.

Em 1718, nasceu em Milão Maria Gaetana Agnesi, a primeira mulher a alcançar notoriedade e reconhecimento no meio científico de sua época e a ser chamada de matemática no Ocidente. De acordo com Melo (2017, p.196) “Agnesi foi uma das poucas mulheres que ficaram registradas oficialmente na Matemática, a partir de seus achados. Hoje encontramos seu nome em uma curva de terceiro grau, a ‘curva de Agnesi’”.

Em 1776, Marie-Sophie Germain nasceu em uma família de classe média de Paris. Dedicava grande interesse ao estudo da Matemática, porém estudava de forma escondida, pois seus pais não consideravam adequado que uma jovem se dedicasse a essa ciência. Entretanto, ao perceberem que nenhuma proibição seria capaz de fazê-la interromper seus estudos, permitiram que prosseguisse em sua formação.

Para ingressar na recém-inaugurada Escola Politécnica, que só aceitava homens, assumiu a identidade de um aluno chamado Monsieur Antoine-Auguste Le Blanc. Ao conseguir superar as barreiras impostas pela sociedade, Sophie superou muitos homens ao fazer a descoberta sobre o Teorema de Fermat, recebendo uma medalha do Institut de France. De suas pesquisas surgiu o conceito de curvatura média de superfícies, deixando um legado de inspiração para as futuras matemáticas; porém, em seu leito de morte, sua profissão como matemática não foi reconhecida.

Em 1882, nasceu Amalie Emmy Noether, descendente de uma família judia e filha de um grande matemático. Tentou ingressar na Universidade de Erlangen, onde seu pai lecionava e seu irmão estudava; porém, por ser mulher, apenas conseguiu entrar na condição de ouvinte. Alguns anos depois, a mesma universidade começou a aceitar mulheres em sua instituição; assim, em 1907, conseguiu o título de doutora sob orientação de Ernest Fischer e Erhard Schmidt, defendendo a tese *Sobre Completos de Invariantes para Formas Biquadradas Ternárias em Álgebra*.

No Brasil, temos Maria Laura Mouzinho, pernambucana, nascida no ano de 1919. Iniciou sua jornada na Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi),

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



em 1939; dez anos depois, conseguiu o título de doutora e, nos anos 50, em Chicago, realizou seu pós-doutorado. Ministrou aulas de Geometria no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e, em 1969, por meio do Ato Institucional nº 5, Maria e seu marido foram exilados do Brasil, retornando em 1974.

Recebeu, em 1996, a condecoração com o título de Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atuou na Educação Matemática e na formação continuada de professores, tornando-se referência mundial nessa área.

Também temos outro nome importante: Elza Furtado Gomide. Desde cedo desenvolveu sua paixão pela ciência, obtendo o título de doutora em Matemática no ano de 1950. Foi sócia fundadora da Sociedade Brasileira de Matemática e, com seus estudos em Física e Matemática, tornou-se professora e pesquisadora.

Portanto, ao percorrermos a história dessas mulheres na Matemática, que muito contribuíram para o conhecimento matemático, percebemos algo em comum: a maioria pertencia a famílias com grande poder aquisitivo e tinha alguém ligado ao estudo da Matemática, mais precisamente uma figura masculina. Contudo, tiveram que ultrapassar barreiras para que pudessem se desenvolver e se expressar, e esse caminho de luta traçado por essas mulheres proporcionou o avanço feminino em todas as esferas sociais.

PROFESSORA VITÓRIA: DO MEDO À SUPERAÇÃO

A partir da pesquisa de mestrado, foi realizada uma entrevista narrativa com uma professora do 4º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Davinópolis/MA e, na análise da entrevista, notamos a ênfase da narradora em seus anos de estudo, relatando o medo que tinha em relação à Matemática e, posteriormente, sua superação, apresentando como essa passagem impactou sua trajetória de vida. Sobre isso, podemos entender o quanto são importantes as pesquisas com narrativas, uma vez que, para Moura (2023, p. 301),

As narrativas revelam, por um lado, as inseguranças, os medos, os desgostos, os momentos de descréditos; por outro lado, as alegrias, a segurança, os

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

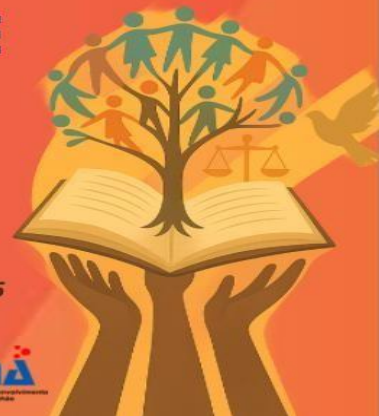
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



momentos de reconhecimento, ou seja, suas emoções em relação às suas vivências com a matemática escolar.

Assim, mergulhamos na história de vida de uma professora que ensina Matemática e encontramos, em sua narrativa, o sentimento de medo e insegurança em relação a esse componente curricular e como conseguiu, de certa forma, superá-los. Esse mergulho só foi possível porque a entrevista narrativa possibilita ao narrador retornar seu olhar para o passado e percorrer o presente; é como um fio condutor que perpassa passado, presente e futuro. Essa técnica foi idealizada por Fritz Schütze como um instrumento que compreende os contextos em que as biografias foram construídas, produzindo textos narrativos sobre as experiências das pessoas e sobre como vivem o mundo por meio de histórias pessoais, sociais e coletivas (Moura, 2015).

É nesse processo de narrar a própria história de vida que encontramos respostas e lembramos acontecimentos marcantes e, assim, a vida humana vai se unificando a partir das narrativas nas quais o narrador se reconhece ou, em outras palavras, assume-se como personagem de sua própria história, sendo autor de seus próprios atos, como afirma Delory-Momberger (2011, p. 341, tradução nossa⁴):

Em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos lugar e significado as situações e experiências que vivemos. É a narrativa que nos faz o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida. Em outros termos, não fazemos narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.

É neste olhar que apresentamos, a seguir, trechos da narrativa da professora Vitória⁵, ao iniciar seu relato, revela um acontecimento marcante que, talvez, para alguém de fora possa parecer algo simples, mas, para quem viveu e está revivendo, é

⁴ En episodios, intrigas y personajes; por la narrativa organizamos los acontecimientos en el tiempo, construimos relaciones entre ellos, damos un lugar y un significado a las situaciones y experiencias que vivimos. Es la narrativa que hace de nosotros el propio personaje de nuestra vida y que da una historia a nuestra vida. En otros términos, no hacemos la narrativa de nuestra vida porque tenemos una historia; por el contrario, tenemos una historia porque hacemos la narrativa de nuestra vida.

⁵ Nome escolhido pela própria professora.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



perceptível a profundidade desses acontecimentos. Vejamos, na narrativa da professora, uma situação culminante de sua trajetória:

Quando cheguei a sala de aula, encontrei um professor que não explicava os conteúdos de forma clara e tampouco oferecia atividades resolvidas. Ao perceber que a maioria dos alunos não sabia realizar as operações básicas, ele escreveu no quadro várias contas envolvendo as quatro operações da matemática e começou a chamar os alunos de dois em dois para resolvê-las. Essa situação marcou profundamente a minha vida. Lembro-me como se fosse hoje, porque foi algo muito significativo para mim. Quando chegou a minha vez, fui chamada junto com uma colega que ficava extremamente nervosa nas aulas de matemática, a ponto de arrancar fios do próprio cabelo devido à ansiedade. Fiquei do lado direito do quadro e ela do lado esquerdo (Entrevista da professora Vitória, 2025, grifo nosso).

Na narrativa acima, é apresentada a metodologia do professor que, ao perceber que a maioria dos alunos não tinha conhecimento das quatro operações, cria uma situação que pode ser considerada como uma competição. Chamamos atenção para a reação da colega de Vitória. O sentimento de medo extremo, que a fazia arrancar os próprios fios de cabelo, foi uma marca que Vitória nunca esqueceu.

Na narrativa da professora, o sentimento que sua colega apresentou é uma característica marcante da ansiedade matemática, que tem como traço comum o desconforto e o nervosismo que surgem ao pensar ou ao fazer Matemática e se caracteriza por um conjunto de reações fisiológicas, cognitivas e comportamentais, como afirmam Haase, Guimarães e Wood (2019).

Esse fenômeno pode estar enraizado em nossa cultura de relacionar a Matemática a uma disciplina impossível ou destinada a poucos, como aponta Felicetti (2007, p. 02), ao afirmar que “o fator cultural influencia na aprendizagem matemática, visto que o aluno, antes mesmo do ingresso na escola, já vem com a concepção de que a matemática é algo totalmente alheio a seu meio”. A professora relata o seguinte:

A operação que precisei resolver foi a multiplicação por cinco. Eu não sabia por onde começar, se pela unidade ou pela dezena. Aquela situação me deixou muito ansiosa, eu mal conseguia enxergar o quadro e fiquei profundamente decepcionada. Minha colega estava resolvendo uma divisão e também não conseguiu. Apesar de ser uma aluna inteligente, o nervosismo a bloqueou, assim como aconteceu comigo e com a maioria da turma (Entrevista da professora Vitória, 2025, grifo nosso).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Percebemos como o medo da Matemática impossibilitou a compreensão dos cálculos a serem realizados e, a partir das emoções negativas, ocorreu o bloqueio, dificultando os processos de análise e compreensão dos elementos matemáticos. Vitória prossegue em sua narrativa relatando a reação de seu professor diante do insucesso da turma na atividade proposta:

Quando o professor percebeu que não havíamos conseguido resolver as operações, ele afirmou que só seria aprovado quem aprendesse as quatro operações. Aquela fala me deixou muito pensativa e sem saber por onde começar. Uma outra marca que até hoje lembro (Entrevista da professora Vitória, 2025).

Do relato acima, destacamos a situação de reprovação para aqueles que não atingissem o resultado esperado pelo professor, gerando a preocupação de não ser aprovada justamente na disciplina de Matemática. A reprovação constitui um momento delicado para os estudantes: é vista por muitos como uma nova oportunidade para aprender o que não foi possível durante o ano, mas também apresenta o viés da exclusão.

Diante dessa situação, o que fazer? Vitória prossegue em seu relato trazendo um misto de sentimentos, como consta a seguir:

Ao chegar em casa, conversei com meu tio, pois minha mãe morava no interior do Maranhão e eu estudava em Teresina, no Instituto Antonino Freire. Ele me disse que só havia um jeito: comprar a tabuada. Naquela época, não existiam os recursos que temos hoje, então a tabuada era a principal ferramenta de estudo. Eu comprei a tabuada, mas não sabia por onde começar. Passei a noite sem dormir, com muito medo de não ser aprovada. Comecei a estudar a multiplicação. As tabuadas de um e dois foram mais fáceis, mas quando cheguei à do cinco, fiquei bastante angustiada, pois era exatamente aquela que eu não havia conseguido resolver em sala. Mesmo assim, continuei estudando e avançando aos poucos. Apesar de todas as dificuldades, fui aprovada na disciplina, e essa superação ficou muito marcada em mim (Entrevista da professora Vitória, 2025, grifo nosso).

Com o medo de ser retida, a professora recorre à tabuada não por interesse ou vontade de aprender, mas pelo medo, ainda que tenha avançado alguns passos. Como constam em nossos grifos, esse medo em relação à Matemática fazia com que sentisse bloqueios, falta de sono e angústia. Destacamos que, apesar do bloqueio, a professora

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



conseguiu superar o que sentia em relação à Matemática e, assim, concluiu seu objetivo de ser aprovada. Contudo, antes desse processo de superação, ela passou por dificuldades inseridas nessa cultura de uma Matemática despida de humanidade.

Essa visão acaba por se perpetuar, mas sabemos que a Matemática vai muito além de ser apenas um componente curricular. Como afirma D'Amore (2012), ela é humanismo, é tudo aquilo que o homem cria para suas necessidades concretas e espirituais e pelo gosto sublime; é um desafio intelectual como a poesia. Ela está em tudo ao nosso redor, e, durante todo o período do curso de Magistério, a professora Vitória só conseguia enxergar uma Matemática destituída de humanidade.

Ao término do Magistério, a professora Vitória retorna para sua cidade natal e logo é convidada a lecionar. No trecho a seguir, notamos que sua perspectiva sobre como ensinar Matemática foi influenciada pela prática de seu professor, mas para seguir outro caminho e mostrar a Matemática como uma área acessível e que todos podem aprender, principalmente sem medo

Após concluir o magistério, retornei para o interior. Surgiu a oportunidade de dar aula em uma escola, mesmo sem essa ter sido a minha intenção inicial, pois eu desejava voltar para Teresina e continuar estudando. No entanto, minha mãe me convenceu a aceitar. Comecei a lecionar e, sempre que ensinava matemática, lembrava-me da experiência que vivi como aluna e de como eu precisava ser diferente daquele professor. Apesar de ter aprendido com ele, o sofrimento foi grande. Com o passar do tempo, assumi a direção de uma escola, cursei Pedagogia e realizei três pós-graduações na área da Educação. Com as formações continuadas, passei a compreender que a matemática não é algo assustador. A dificuldade, muitas vezes, está na forma como ela é ensinada. Eu mudei minha metodologia, procurando trabalhar a matemática de maneira mais próxima da realidade dos alunos (Entrevista da professora Vitória, 2025, grifo nosso).

A partir do trecho acima, percebemos uma desconstrução da Matemática: se antes era temida pela professora em seu tempo de estudante, hoje é apresentada a partir de um novo olhar, direcionado para o contexto social dos alunos, ou seja, para suas vivências, havendo uma resignificação. Isso é importante para o formador, pois é fundante compreender que “romper com esses sistemas de crenças implica criar estratégias de formação que possam (des)construir os saberes que foram apropriados durante a trajetória estudantil na escola básica” (Nacarato; Mengali; Passos, 2009, p.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

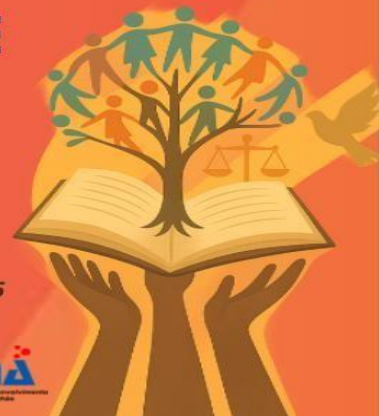
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



28). Esses saberes precisam ser ressignificados, com foco na Matemática como um campo de possibilidades e para todos, inclusive para as mulheres.

A docente nos trouxe marcas de sua experiência estudantil e sua crença na Matemática, pois a forma como ensina pode se aproximar da maneira como estudou em seu tempo de escola ou se distanciar do modo como lhe foi apresentada. O trabalho com narrativas pode colaborar com a reconstrução dessas experiências e com uma possível ressignificação. Portanto, na perspectiva da investigação narrativa, “refletir, relatar e representar a experiência, produzindo sentido ao que somos, fazemos, pensamos, sentimos e dizemos” (Freitas; Fiorentini, 2007, p. 63), constitui um caminho plausível para uma investigação em Educação.

Então, pensar mulheres na Matemática, seja como estudante ou como quem ensina é um processo histórico de luta pela ocupação de um espaço socialmente concebido como masculino. Trata-se de um movimento contínuo de afirmação e resistência, no qual as mulheres precisam, reiteradamente, comprovar sua competência diante dos obstáculos que se apresentam, seja pelo medo associado a Matemática, seja pela persistência de uma cultura que a define como uma área destinada aos homens e não às mulheres.

E ao percorrer a trajetória de mulheres no meio matemático, observamos que o olhar histórico ainda permanece, em grande medida, voltado às figuras masculinas que se destacaram na área, enquanto as contribuições femininas, muitas vezes, são invisibilizadas, apesar de sua relevância para o avanço do conhecimento matemático. Além disso, muitas mulheres, estudantes ou professoras, ainda enfrentam, o medo associado à Matemática no contexto da sala de aula; mas, ressignificam essa experiência em suas práticas pedagógicas e em seus processos formativos, mantendo-se nesse contínuo movimento de luta.

Considerações finais

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

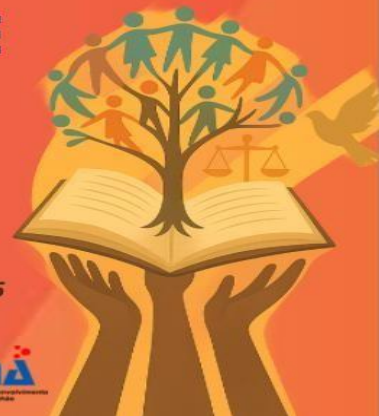
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A partir da narrativa da professora que ensina matemática percebemos como as marcas do medo e da angústia em relação a matemática ainda são fortes em seu percurso, mas isso não a deixa parar, e sim a caminhar a passos largos para uma nova direção, sem deixar que o passado seja apagado, mas ressignificado em uma nova forma de lecionar matemática, não pautado no medo e sim, voltada para a compreensão e realidade de seus alunos.

Diante do exposto acima, este estudo buscou explorar, a presença feminina na Matemática a partir de um resgate histórico e de uma investigação narrativa, a percepção da professora em relação a matemática e como influencia em sua prática em sala de aula, como denominado pela professora de superação, ou como o título sugere um novo olhar para a matemática, e a investigação narrativa nos proporciona isto, este olhar para o passado para compreendermos o futuro, e assim adentrarmos de forma profunda na pesquisa.

Referência

D'AMORE, Bruno **Matemática, estupefação e poesia**. Tradução de Maria Cristina Bonomi. São Paulo: Livraria da Física, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333–346, abril de 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLCbH/>. Acesso em: 07 de janeiro 2025.

FELICETTI, Vera Lucia. **Um estudo sobre o problema da matofobia como agente influenciador nos altos índices de reprovação na 1ª série do Ensino Médio**. 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FREITAS, Maria Tereza Menezes; FIORENTINI, Dario. As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática. Horizontes, v.25, n.1, p.63-71, janeiro/junho, 2007.

HAASE, Vinícius Gomes; GUIMARÃES, Ana Paula Lima; WOOD, Geoff. **Matemática e emoções: o caso da ansiedade matemática**. Tradução nossa. In: FRITZ, Annemarie; HAASE, Vinícius Gomes; RÄSÄNEN, Pekka (org.). *International*

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



handbook of mathematical learning difficulties: from the laboratory to the classroom.
Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 469-503.

MANSUR, Daniel Redinz; ALTOÉ, Renan Oliveira. Ferramenta Tecnológica para Realização de Revisão de Literatura em Pesquisas Científicas. **Revista Eletrônica em Sala de Aula em Foco**, v.10, n.1, p. 8 – 28, 2021. Disponível:
<https://www.scielo.br/j/tl/a/GbtmKqRhRmyWHHKBxSQTrkG/?format=pdf&lang=pt>
.Acesso em: 22 de janeiro de 2025.

MELO, Carlos Ian Bezerra de. Relações de gênero na matemática: O processo de afastamento das mulheres e algumas bravas transgressoras. **Revista Ártemis**, Ceará, v.24, n. 01, p.189-200, julho/dezembro, 2017. Disponível em
<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/34424> , acesso em: 15 de janeiro de 2026.

MOURA, Jónata Ferreira de. **Narrativas de vida de professores da educação infantil na constituição da formação docente**: as marcas e as ausências da matemática escolar. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, SP, 2015.

MOURA, Jónata Ferreira de. Gêneros e sexualidades na formação de docentes que ensinam matemática escolar: desinvisibilizar os sujeitos e a temática no ambiente escolar. In: SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da; MOURA, Jónata Ferreira de (org.). **Corpos, gêneros e sexualidades nas ciências humanas e sociais** [recurso eletrônico]. São Luís: EDUFMA, 2023. p. 300–319. Disponível em:
https://www.edufma.ufma.br/wp-content/uploads/woocommerce_uploads/2024/01/Corpos-g%C3%AAneros-e-sexualidades-1.pdf. Acesso em: 5 jan. 2026.

NACARATO, Adair Mendes; MENGALI, Brenda Lins de Sousa; PASSOS, Cármem Lúcia Brancaglioni. **A Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental**: Tecendo fios do ensinar e do aprender. Coleção Tendências em Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2. edição, 2009.